

## A PROPÓSITO DOS QUINHENTOS ANOS DO *TEXTUS RECEPTUS* DE DESIDÉRIO ERASMO

Paulo Donizéti Siepierski<sup>1</sup>

### RESUMO

Erasmus de Roterdã publicou em 1516 sua compilação e edição do texto grego do Novo Testamento, bem como sua tradução para o latim, obra que o consagraria como maior erudito europeu de todos os tempos. Essa obra seguiu a ênfase dos humanistas no retorno às fontes e teve como principal concorrente a Bíblia Poliglota Complutense. Influenciado pelo crítico literário italiano Lorenzo Valla, a intenção de Erasmo era fornecer um texto substituto ao de São Jerônimo conhecido como Vulgata Latina e assim reformar a Igreja sem romper com Roma. Porém, a turbulência que se seguiu às críticas de Martinho Lutero à Igreja de Roma fez com que a tradução latina de Erasmo fosse condenada no Concílio de Trento. Por outro lado, a edição do texto grego serviu de base para as diferentes traduções protestantes ficando conhecida como *Textus Receptus*.

Palavras-chave: Erasmo de Roterdã; Novo Testamento Greco-Latino; *Textus Receptus*.

### ABSTRACT

Erasmus Roterodamus published in 1516 his collation and edition of the Greek text of the New Testament, as well his Latin translation. Following the humanists' emphasis on the return to the classics and having as its major competitor the Complutensian Polyglot Bible, this work would make him the most celebrated European scholar of all times. Influenced by the Italian literary critic Lorenzo Valla, Erasmus' intention was to provide a text to replace Saint Jerome's Vulgate and thus to reform the Church without breaking up with Rome. However, the turbulence that followed Martin Luther's critics of the Roman Church led to the condemnation of the Erasmus' Latin translation at the Council of Trent. On the other hand, the Greek text was the basis of the different Protestant translations and became known as *Textus Receptus*.

Keywords: Erasmus; Greek-Latin New Testament; *Textus Receptus*

Recebido em 28/10/2014 Aceito em 23/11/2014

---

<sup>1</sup> Ph. D., professor de História Medieval na Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: siepierski@dlch.ufrpe.br

Provavelmente devido ao seu profundo caráter simbólico, a suposta afixação por Martinho Lutero das noventa e cinco teses condenando as indulgências no dia trinta e um de outubro de 1517 permanece como o marco inicial da Reforma Protestante, evento decisivo na história ocidental e determinante do mundo que conhecemos desde então. Contudo, exatamente por causa de sua importância, a Reforma Protestante não pode ser reduzida a um evento com início preciso. Longe disso, a Reforma Protestante somente será compreendida se situada no longo ciclo e percebida como possuidora de variados fatores iniciadores e propulsores. Um desses fatores, normalmente olvidado pelos estudiosos, foi a publicação por Desidério Erasmo (1466 – 1536) de seu Novo Testamento Greco-Latino em 1516. Isso porque a parte grega desse texto se tornou na base material da bibliocêntrica Reforma Protestante, uma vez que foi referência para a famosa tradução alemã realizada por Lutero em 1522. Tal foi a importância desse Novo Testamento que a partir das primeiras décadas do século dezessete ficou conhecido pela expressão *Textus Receptus* para indicar que era o Texto Recebido sem adição alguma. Em muitos quadrantes do protestantismo esse *Textus Receptus* passou a ser considerado como idêntico aos manuscritos originais, sendo portanto utilizado como fundamento para as traduções subsequentes nas diversas línguas utilizadas na expansão protestante.

O objetivo deste ensaio, portanto, é situar a obra de compilação e edição do texto grego do Novo Testamento realizado por Erasmo, bem como seu trabalho de tradução desse texto grego para o latim, no contexto mais amplo dos desdobramentos que ocorreram na cultura escrita e que contribuíram para o eclodir da Reforma Protestante. Assim, primeiramente será visto que o aumento significativo de manuscritos gregos e suas cópias a partir do século treze exigiu o estabelecimento de uma hierarquia e harmonização dos textos existentes e para tanto foi utilizado o princípio conhecido como retorno às fontes. Em seguida será analisado o enorme desafio que o movimento de retorno às fontes representou ao domínio da Vulgata Latina de São Jerônimo—fundamento de toda a civilização europeia medieval—ao apresentar os textos hebraicos e gregos superiores ao latim e as diferentes respostas suscitadas, como a da hierarquia eclesiástica representada pelo cardeal Francisco Jiménez de Cisneros (1436 – 1517) e sua Academia Complutense e a de eruditos independentes, entre eles Erasmo, influenciados pela obra do crítico literário italiano Lorenzo Valla (1407 – 1457). Então será descrita a estratégia de Erasmo em busca do domínio da

língua grega incluindo um período de trabalho na oficina tipográfica de Aldus Manutius (1449 – 1515) em Veneza, para se apresentar como um novo Jerônimo, compilando e editando diversos manuscritos gregos do Novo Testamento aos quais teve acesso e então produzindo uma tradução latina com a intenção de substituir a Vulgata de São Jerônimo. Depois será detalhado como a obra de Erasmo, que inicialmente ele denominou de *Novum Instrumentum*, alcançou enorme sucesso concedendo-lhe a reputação—que permanece até hoje—de maior erudito europeu que já existiu. Por fim, será visto que curiosamente a tradução latina de Erasmo terá vida curta pois o Concílio de Trento (1545 – 1563) condenará todas as traduções latinas exceto a Vulgata e o que permanecerá será apenas a edição grega, que servirá como base das traduções protestantes ficando conhecida como *Textus Receptus*.

## O retorno às fontes

No início do século treze a quarta cruzada, cujo objetivo inicial era retomar a Terra Santa das mãos muçulmanas, conclamada pelo papa Inocêncio III e patrocinada conjuntamente por nobres francos e mercadores venezianos, terminou por cometer um dos atos mais ignóbeis na história europeia. Tornando realidade o adágio que diz que a ocasião faz o ladrão, em 1204 os cruzados saquearam impiedosamente Constantinopla, conhecida então como a Rainha das Cidades. Um dos resultados desse saque foi a enorme quantidade de bens materiais e culturais—toda sorte de pedras e metais preciosos, relíquias, objetos de devoção, manuscritos—que os venezianos levaram para o norte da península itálica. Ao passo que os objetos de valor mercantil imediato, particularmente os de metal, como a quadriga—os cavalos de bronze roubados do hipódromo e que adornam até hoje a Igreja de San Marco em Veneza—encontraram seu destino de pronto, os pergaminhos, apesar de também possuírem valor comercial, tiveram que esperar décadas para serem devidamente apropriados e se tornarem a base material do Renascimento. No processo de apropriação cultural dos manuscritos roubados de Constantinopla foi fundamental a decisão do Concílio de Vienne (França, 1311-1312) que, a pedido do famoso Raimundo Lúlio, decretou a criação de cátedras de grego, hebraico e aramaico nas universidades de Avinhão, Paris, Oxford, Bolonha e Salamanca.

A partir de meados do século catorze o crescente assédio dos otomanos sobre o império bizantino, fragilizado mortalmente pela quarta cruzada no século anterior, promoveu uma desordenada mas progressiva migração de eruditos bizantinos para a cristandade

ocidental. Tais eruditos trouxeram consigo textos gregos que paulatinamente foram sendo traduzidos para o latim, promovendo assim a difusão da cultura grega. Bom exemplo disso é a tradução da obra botânica de Teofrasto, aluno de Aristóteles praticamente desconhecido na Europa católica. Os manuscritos de suas obras denominadas *Historia plantarum* e *De causis plantarum* foram obtidos a partir de um lote de manuscritos gregos trazidos de Constantinopla no início do século quinze e traduzidos por volta de 1450 por Teodoro Gaza para o Papa Nicolau V. Essa tradução foi impressa em 1483 e o texto grego em 1497.

Com o aumento significativo de manuscritos e suas cópias, revelando lacunas em alguns, adições em outros, os humanistas europeus foram provocados a estabelecer uma hierarquia e harmonização dos manuscritos existentes. Assim desenvolveram a filologia, enfatizando o estudo das línguas e literatura. Nos estudos comparativos para a fixação de fontes confiáveis os humanistas renascentistas seguiram o princípio de que quanto mais perto a água estiver da fonte, mais pura será. Esse princípio encontra-se na expressão latina *ad fontes*. Em seu *De ratione studii ac legendi interpretandique auctores* o próprio Erasmo utilizou essa expressão: *Sed in primis ad fontes ipsos properandum, id est graecos et antiquos* (sobretudo deve-se sem demora buscar as fontes mesmas, ou seja, retornar para os gregos e antigos). Nesse mesmo sentido, a publicação da bíblia de Gutenberg em 1455 desafiou os eruditos cristãos a não apenas estabelecerem uma versão que pudesse servir de padrão para todo o mundo latino, uma vez que expôs algumas das inconsistências—sempre atribuídas a copistas—encontradas na Vulgata Latina de São Jerônimo, como também a apresentarem as fontes mais confiáveis possíveis, em grego, em hebraico e em aramaico.

O primeiro grande esforço coordenado para enfrentar esse desafio foi encetado na Espanha, em Alcalá de Henares, nos arredores de Madri, graças à dedicação do cardeal Francisco Jiménez de Cisneros. Em 1499 Cisneros, então arcebispo de Toledo, conseguiu que o papa Alexandre VI—que fora seu professor anos antes de assumir o papado—transformasse o *Studium General* existente em Alcalá de Henares em universidade, a qual recebeu o nome de *Universitas Complutensis*, uma vez que o nome latino de Alcalá de Henares era *Complutum*. Seu sonho era estabelecer um local que pudesse além de abrigar os inúmeros manuscritos que havia comprado, quase sempre fruto de seu empenho pessoal, reunir os maiores expoentes no campo da filologia bíblica. Também deveria ser um local irradiador de

sua reforma e catalizador para a evangelização dos novos territórios. O momento não poderia ser mais propício pois contaria com recursos que nenhum outro reformador tivera antes dele.

## A Bíblia Complutense do Cardeal Cisneros

Desde o início do século quinze, enquanto França e Inglaterra se fragilizavam cada vez mais na interminável Guerra dos Cem Anos, os reinos ibéricos iam se fortalecendo militarmente e conhecendo expansão territorial e comercial. Uma expressão do crescente poderio ibérico foi seu grande salto no domínio da tecnologia náutica, imprescindível ao seu projeto expansionista marítimo. Para consolidar esse projeto os ibéricos voltaram-se para Roma. A eleição do primeiro Borgia insere-se nesse contexto. Tão logo o valenciano Afonso de Borgia (1378 – 1458) foi eleito papa em 1455, tomando o nome de Calisto III, as potências ibéricas trataram de conseguir o apoio da Igreja às suas pretensões hegemônicas. No que ficou conhecido como Padroado, o papa Calisto III estabeleceu um tratado entre a Igreja Católica e os monarcas dos reinos de Portugal e de Castela, delegando-lhes atividades características da Igreja, particularmente sua administração e organização. Seria responsabilidade dos monarcas a construção e manutenção das igrejas, como também a nomeação de padres e bispos. A única contrapartida exigida aos reis é que estes apoiariam a evangelização e o estabelecimento da Igreja Católica nos territórios conquistados e a conquistar.

Apesar das concessões conseguidas por Portugal junto a Roma, o reino de Castela seria o maior beneficiado com o Padroado. Com a tomada de Granada no início de 1492 os reis católicos colocaram um término no que se convencionou chamar de Reconquista e se consolidaram como defensores da fé cristã diante do Islã. A Reconquista ofereceu à cristandade enorme território a ser evangelizado, o qual, somado aos novos territórios proporcionados pela expansão marítima, representava desafio grande demais para Roma. É nesse contexto que surge a bula papal denominada *Inter caetera*, dividindo o “novo mundo” entre Portugal e Castela, com claro favoritismo para Castela, o que seria parcialmente corrigido em 1494 pelo Tratado de Tordesilhas.

Em 11 de agosto de 1492 o cardeal arcebispo de Valência, Rodrigo Borgia, foi eleito papa e assumiu o nome de Alexandre VI. Há muito Rodrigo Borgia mantinha estreita relação com os monarcas Isabel e Fernando e com sua eleição ao papado o arcebispado de Valência foi entregue a seu filho César Borgia. No ano seguinte seu outro filho, Juan Borgia,

recebeu a mão de Maria Enriquez, prima do rei. Assim é que em 1493 o papa Alexandre VI emitiu um conjunto de documentos conhecidos como bulas alexandrinas, entre elas a mencionada bula *Inter cætera*. Nessas bulas o pontífice concede aos reis de Castela e Leão e aos seus herdeiros—não aos reinos—o direito de conquistar a América e o dever de evangelizá-la. O papa, por ser vigário de Cristo, tinha poder para conceder aos reis o domínio sobre as terras descobertas e a descobrir, incluindo suas cidades, castelos, lugares e vilas. Os monarcas, já com o poder de nomear padres e bispos para os novos territórios conseguiriam outro trunfo ainda maior em 1501 com a bula *Eximiae devotionis sinceritas*, do mesmo Alexandre VI. Essa bula concedeu aos reis o direito de cobrarem o dízimo eclesiástico como compensação pelos gastos provocados pela implantação e manutenção das igrejas. Portanto Cisneros terá enorme desafio pela frente, mas contará com recursos que nenhum outro reino cristão latino conheceria.

Desde 1492 Cisneros era confessor e conselheiro político da rainha Isabel I e com sua elevação a arcebispo de Toledo em 1495 tivera a oportunidade de promover profunda reforma não apenas em sua ordem franciscana como também no clero secular. Entre os pontos da reforma de Cisneros estava a exigência que o clero explicasse os evangelhos aos fiéis e se dedicasse a leitura diária das Escrituras, além de levar uma vida em conformidade com a de Cristo, o que demandava o celibato. Como exemplo, o próprio arcebispo entrara em Toledo em 1497 no lombo de uma mula, usando roupas simples e sandálias. Com seu exemplo Cisneros vencera a resistência do clero e conquistara a confiança dos governantes. Assim, com o apoio do papa em Roma e dos reis em Espanha o futuro cardeal Cisneros convidou os principais eruditos bíblicos de seu tempo, incluindo Hernán Núñez de Toledo y Guzmán (1475 – 1553), alcunhado *el Comendador Griego*, para realizarem a ambiciosa tarefa de compilação dos inúmeros manuscritos e produzirem uma bíblia poliglota, ou multilíngue, para promover o estudo das Escrituras Sagradas.

Em 1502, logo após Cisneros garantir os recursos necessários, foi iniciado o projeto, que se estendeu por quinze anos, sob o comando de Diego López de Zúñiga [Jacobus Lopis Stunica] (c. 1470 – 1531), que se notabilizou mais tarde por debater com Erasmo diversos pontos da tradução da Vulgata. Enquanto para ele o roterdamês apresentava muitas deficiências na condução do hebraico e do aramaico, para Erasmo os complutenses teriam defendido excessivamente a Vulgata. A propósito, o próprio Erasmo fora convidado por

Cisneros, todavia declinara. Um possível argumento é que o clima de Alcalá lhe seria hostil uma vez que a cidade era cercada por terreno pantanoso que propiciava a disseminação de diversas enfermidades. A confluência dos rios Henares, Camarmilla e Torote (uma hipótese é que Complutum derive do latim *confluvium*) provocava inundações constantes, o que obrigou Cisneros a promover total renovação urbanística, drenando a área e traçando e pavimentando ruas largas e retas. De fato, Erasmo desde cedo sofria demasiado com pedras na vesícula e tomava muito cuidado com sua saúde, daí seu conhecido apego habitual à cerveja e, sobretudo, ao vinho, uma vez que era esse o remédio renascentista para seu problema. Mas é possível que a verdadeira razão para a recusa resida no fato de Erasmo ter sempre procurado ser um estudioso independente e itinerante, sem vínculos institucionais. Ademais, como ele conhecia o caráter enérgico e conservador do reformador espanhol, provavelmente anteviu as incompatibilidades que poderiam ocorrer.

Paralelamente ao início do projeto da Academia Bíblica Complutense, Cisneros instala uma editora para apoiar sua reforma religiosa. Para tanto faz vir de Sevilha o extraordinário impressor polaco, Estanislao Polono.<sup>2</sup> Já em 1502 é publicado o primeiro livro, bem ao gosto de Cisneros, a *Vita Christi* do cartuxo Ludolfo de Saxônia (morto em 1377), que mais tarde seria instrumental na conversão de Santo Inácio de Loyola (1491 – 1556), o fundador dos jesuítas. A Universidade mesma foi inaugurada em 26 de julho de 1508, e em fevereiro de 1511 aparece o primeiro livro do sucessor de Estanislao Polono e a quem caberá a honra de comandar a impressão dos trabalhos da Academia Bíblica, Arnaldo Guillen de Brocar (c. 1460 – 1523).

A Bíblia Poliglota Complutense, como ficou conhecida, é uma obra tipográfica maravilhosa, constituída por seis volumes: os quatro primeiros dedicados ao Antigo Testamento, o quinto ao Novo Testamento e o último a um dicionário hebraico e aramaico, uma gramática hebraica e um índice em latim. O texto do Antigo Testamento foi distribuído da seguinte maneira: um pedaço superior da página equivalente a três quartos de seu tamanho foi dividido em três colunas, sendo a da esquerda para o grego com uma tradução interlinear para o latim, a do centro para o latim de São Jerônimo e a da direita para o hebraico, o quarto inferior da página foi dividido em duas colunas sendo a da esquerda para o aramaico (Targum

---

<sup>2</sup> ODRÓZIOLA, Antonio. *Estanislao Polono, un extraordinario impresor polaco en la Espana de los siglos XV y XVI (1491-1504)*. Pontevedra: Excma. Diputación, 1982.

Onkelos) e a da direita para a tradução latina. Essa distribuição ocorre apenas no primeiro volume, que é o Pentateuco, pois nos demais não há texto aramaico, ficando então a totalidade da página dividida em três colunas. O texto do Novo Testamento foi dividido em duas colunas, a da esquerda para o grego e a da direita para o latim da Vulgata. Embora não se possa precisar a data em que cada volume tenha ficado pronto, as datas dos termos das impressões encontram-se nos colofones: o Novo Testamento estava impresso em 10 de janeiro de 1514, o Antigo Testamento em 10 de julho de 1517 e o sexto volume em 17 de março de 1515.

Pela qualidade e variedade dos tipos empregados, pelo esmero das estampas e sobretudo pela extraordinária correção ortográfica—apenas cinquenta erros de impressão—é razoável assumir que o Novo Testamento tenha sido encaminhado para impressão não mais tarde que meados de 1512. Nesse momento, talvez por já estar avançado em dias ou por não ter mais o apoio de um papa espanhol em Roma, o cardeal Cisneros cometeu um erro que seria fatal para o futuro da Poliglota Complutense. Em vez de publicar o Novo Testamento separadamente ele optou por esperar a conclusão de todo o projeto, o que se deu apenas meses antes de sua morte. E nesse interim, numa manobra ousada em 1516 Erasmo conseguiu junto ao papa Leão X e o imperador Maximiliano I um privilégio de exclusividade de quatro anos para a publicação de seu Novo Testamento. Assim, a Complutense poderia ver a luz do sol apenas em 1520. Como o que está ruim ainda pode piorar, sua publicação ocorreu somente em 1522, quando o Novo Testamento de Erasmo já estava em sua terceira edição, porque os complutenses se demoraram a devolver os manuscritos emprestados junto a biblioteca do Vaticano.

Apesar de ser um monumento à arte tipográfica e ao estudo das Escrituras, a Poliglota Complutense logo recebeu severas críticas dos humanistas. A principal delas, e talvez prevista por Erasmo, é que manteve o texto da Vulgata Latina. Ademais, onde houve discrepância entre a Vulgata e o texto hebraico ou grego, estes foram corrigidos pelo texto latino. Isso era incompreensível para aqueles que defendiam que quanto mais perto da fonte, maior seria a pureza. Mas a concepção teológica que Cisneros tinha das Escrituras e da Igreja enquanto guardião da Revelação escrita o levou para o caminho contrário. De outra forma teria que aceitar que as Escrituras que vinham sendo utilizadas por séculos continham erros de



tradução que haviam propiciado o surgimento de doutrinas disputáveis ensinadas a gerações de fiéis.

Essa postura teológica foi responsável pelo afastamento do projeto do principal nome do Renascimento em Espanha, Elio Antonio Nebrija (1441 – 1522). Quando atendeu ao chamado de Cisneros e se juntou ao grupo da Academia Bíblica Complutense, Nebrija já produzira, entre outras obras, sua *Gramática castellana* (1492), primeira codificação de uma língua moderna. No estilo de Erasmo, Nebrija entendia que, no Novo Testamento, toda vez que houvesse variações entre os manuscritos latinos deveria se socorrer aos gregos; e, no Antigo Testamento, quando houvesse discrepância entre os manuscritos latinos e os manuscritos gregos, dever-se-ia buscar a autêntica fonte hebraica. Como não foi atendido, abandonou o projeto e dedicou-se inteiramente ao ensino na universidade de Alcalá, onde morreu alguns anos depois de Cisneros. O cardeal, como testemunho de sua compreensão de que misteriosamente Deus em sua Providência teria conservado na Igreja as Escrituras de forma incorruptível, e portanto o padrão teria que ser a Vulgata Latina de São Jerônimo, explicou no prólogo da Bíblia Poliglota Complutense que a distribuição dos textos em colunas, estando a do bendito Jerônimo entre a da sinagoga [texto hebraico] e a da Igreja Oriental [texto grego], buscava refletir a crucifixão de Jesus, com os ladrões pendurados um de cada lado. Na teologia de Cisneros, então, Jesus que é o Verbo que se fez carne, a Igreja Romana que é o Corpo de Cristo e a Vulgata Latina que é a Revelação escrita, se confundiam em uma mesma realidade.<sup>3</sup>

## A influência de Lorenzo Valla

<sup>3</sup> A postura de Cisneros não era nada incomum. Maarten van Dorp, amigo de Erasmo e docente na faculdade de teologia de Louvain, ao saber dos planos do roterdamês de corrigir a Vulgata enviou-lhe uma carta em 1514 com o seguinte comentário: “Eu discordo de você nessa questão de verdade e integridade, e defendo que tais qualidades se encontram na edição da Vulgata que temos normalmente em uso. Pois não é razoável que toda a igreja, que sempre utilizou essa edição e que tanto a aprova e continua a utilizá-la, ter estado equivocada por todos esses séculos”. Minha tradução de parte da Epístola 304. Cf. MYNORS, R. A. B. e THOMSON, D. F. S. (Eds). *Collected Works of Erasmus. The Correspondence of Erasmus: Letters 298-445 (1514-1516)*. Toronto: University of Toronto Press, 1976. A mesma postura pode ser encontrada no presente. Ao defender a tradução da bíblia do rei Tiago [King James Bible] o pastor batista e líder fundamentalista D. A. Waite assim se expressou: “Na verdade, é minha crença e convicção pessoal, após estudar esse tema desde 1971, que as palavras do texto grego recebido e do texto hebraico massorético que embasam a bíblia do rei Tiago são as próprias palavras que Deus tem conservado através dos séculos, sendo as palavras exatas dos próprios originais. Como tais, creio que são palavras inspiradas. Creio que são palavras conservadas. Creio que são palavras inerrantes. Creio que são palavras infalíveis. É por isso que acredito tão fortemente que qualquer tradução para ser válida tem que se basear nesses textos das línguas originais, e neles apenas!”. WAITE, D. A. *Defending the King James Bible*. Collingwood, NJ: Bible For Today Publishers, 1992, p. 48-49 (minha tradução).

É possível que Erasmo tenha iniciado seu projeto de rever e corrigir a tradução para o latim que Jerônimo fizera há mais de mil anos—e que se tornara padrão da Igreja Romana—quando, por acaso, encontrou manuscritos do humanista, filósofo e crítico literário italiano Lorenzo Valla na biblioteca da abadia de Parc, perto de Louvain, em 1504.<sup>4</sup> Profundo conhecedor do latim clássico, Valla fora secretário e historiador na corte do rei de Nápoles, Alfonso de Aragão, de 1435 a 1448. A serviço do rei, que estava em litígio territorial com o papa Eugênio IV, Valla escreveu em 1440 o livro *De falso credita et ementita Constantini Donatione declamatio*, demonstrando que o documento conhecido como *Constitutum Constantini* (Doação de Constantino), era uma farsa.<sup>5</sup> Devido à esta, bem como às outras obras que desafiavam o senso comum, Valla foi denunciado à Inquisição e só não foi parar na fogueira graças à intervenção de seu protetor, o rei Alfonso.

A grande contribuição de Lorenzo Valla à crítica literária foi o primeiro manual de gramática latina em quase mil anos, *Elegantiae linguae Latinae*. Devido às reviravoltas que a vida apresenta, Valla foi convidado para ser secretário papal por Nicolau V, sucessor de Eugênio IV, e assim trocou Nápoles por Roma em 1448, onde permaneceu até o fim de sua vida. Em Roma este filólogo humanista teve oportunidade de aplicar sua crítica literária ao Novo Testamento na obra intitulada *In Novum Testamentum ex diversorum utriusque linguae codicum collatione adnotationes* (Anotações sobre o Novo Testamento coletadas de vários manuscritos em ambas as línguas), com o objetivo de avaliar a tradução latina de Jerônimo confrontando-a com manuscritos gregos. Foi essa obra que mudou a vida de Erasmo, levando-o a se dedicar quase exclusivamente à revisão e correção da tradução latina do Novo Testamento.<sup>6</sup> Erasmo publicou a obra de Valla em 1505 com o título *Adnotationes in Novum Testamentum* e buscou freneticamente se aprofundar no estudo do grego. Esse objetivo o levou a viajar pela Europa e depois se estabelecer na Itália, onde permaneceu por três anos.

## A oficina tipográfica de Aldus Manutius em Veneza

<sup>4</sup> Ao estudar a obra de Valla, o roterdamês percebeu que era possível efetuar correções, aplicando a crítica literária, não apenas aos clássicos mas também ao texto recebido das Escrituras. TRACY, James D. *Erasmus, the Growth of a Mind*. Genebra: Librairie Droz, 1972, p. 89.

<sup>5</sup> Não por acaso esse livro foi impresso pela primeira vez em 1517 na Alemanha por Ulrico von Hutten (1488 – 1523), tendo a segunda edição, de 1519, servido de base para as críticas que Lutero fez ao papado.

<sup>6</sup> Não apenas Erasmo mas também muitos outros de sua época que buscavam reformas na Igreja foram influenciados pelas obras de Lorenzo Valla, notadamente *De libero arbitrio* e *De professione religiosorum*. Nessa última o italiano critica os votos monásticos de pobreza, castidade e obediência, defendendo que o importante não era o voto mas a devoção, e repreende os monges por eles se acharem mais religiosos do que os leigos.

Ao se dirigir para Bolonha, Erasmo primeiro parou em Turim, onde recebeu o grau de doutorado. Como obteve o reconhecimento dos estudos feitos na França e na Inglaterra, precisou apenas se submeter a um curto período de arguição. A Universidade de Turim não estava entre as mais renomadas mas serviu para seu objetivo maior, que era a autorização para escrever sobre assuntos teológicos. Erasmo não conseguiu entrar de imediato em Bolonha pois a cidade estava sitiada pelas forças do papa Júlio II. Com a rendição da cidade, Erasmo pode assistir à entrada triunfal de Júlio II, mais como César do que como papa, segundo escreveria mais tarde. Após quase um ano em Bolonha ele se dirigiu à Veneza para se encontrar com o famoso impressor Aldus Manutius.<sup>7</sup>

Manutius reunira em Veneza um grupo de eruditos, ao qual intitulara *Neakademia*, visando a promoção dos estudos gregos. As reuniões desse grupo eram conduzidas inteiramente em grego. Manutius entraria para a história da imprensa pela introdução de um tipo grego elegante e fácil de ler, baseado na escrita de Immanuel Rhusotas, um escriba cretense que vivia em Veneza. Ademais, ele foi responsável pela invenção do tipo itálico e pelo uso moderno da vírgula e do ponto e vírgula, bem como pela introdução de edições portáteis (*octavos*) dos clássicos e inovações na técnica de encadernação. Por oportuno, cabe ressaltar que ao lado da fenomenal contribuição de Manutius à causa humanista, publicando os clássicos gregos e latinos, há uma contribuição direta à Reforma Protestante, não muito lembrada, mas que desempenhou papel importante nos debates teológicos que se seguiriam entre Católicos e Protestantes. De fato, foi Manutius que, no final de sua vida, viabilizou a primeira publicação da Septuaginta, que apareceu postumamente em 1518.

Erasmo permaneceu quase um ano morando na oficina de Manutius, supervisionando a publicação de sua tradução latina de Eurípedes e da segunda edição de sua coleção de provérbios latinos, a *Adagia*. Como vários trabalhadores da oficina eram de origem grega, seu idioma era falado cotidianamente, o que possibilitou a Erasmo um domínio da língua grega praticamente inigualável na Europa latina. Tal domínio lhe proporcionou um convite para ensinar grego no Queens' College, em Cambridge, Inglaterra.

## O novo Jerônimo da Basileia

<sup>7</sup> Olin dedicou um capítulo inteiro ao período em que Erasmo se deteve em Veneza com Manutius. Cf. OLIN, John C. *Erasmus, utopia, and the Jesuits: essays on the outreach of humanism*. New York: Fordham University Press, 1994, p. 39-56.

Foi enquanto em residência no Queens' College que Erasmo, em 1512, começou a dar forma ao seu projeto de rever e corrigir a versão latina que Jerônimo produzira do Novo Testamento e para tanto teve a oportunidade de comparar os diferentes manuscritos gregos com o texto de Jerônimo e escrever suas anotações. Como sabia do projeto de Cisneros de produzir uma bíblia poliglota, e conhecendo o caráter conservador do reformador espanhol, no início de 1512 Erasmo entrara em negociações com Badius Ascensius [Jodocus Van Asche Badius] (1462 – 1535), pioneiro no negócio de impressão e notável gramático, para publicar uma nova edição da Vulgata de Jerônimo, que pudesse, por assim dizer, atualizar Jerônimo. Ascensius instalara sua imprensa, conhecida como *Prelum Ascensianum*, em 1503 em Paris, após ensinar grego por diversos anos em Lyon, mas sua produção era quase totalmente em latim. Por razões desconhecidas Ascensius recusou a proposta de Erasmo. Então, em agosto de 1514, ciente de que a Academia Bíblica Complutense já finalizara em janeiro daquele ano a impressão de seu Novo Testamento, mantendo intacta a tradução latina de Jerônimo, Erasmo foi ao continente negociar a publicação de sua revisão e correção de Jerônimo pois sabia que o sucesso de seu empreendimento dependia de vir a lume antes da obra complutense.

O plano era contatar impressores primeiro em Liège e depois, subindo o Reno, em Mainz e Estrasburgo, finalizando a viagem em Basileia, onde queria encontrar o editor suíço Johann Froben (c. 1460 – 1527), que havia pirateado no ano anterior a versão que Manutius fizera em 1508 da *Adagia*. Após cerca de cinco semanas de viagem Erasmo, ao desembarcar em Basileia, encontra uma cidade com potencial para se tornar importante centro gráfico da Europa. Já por volta de 1470, Berthold Ruppel (? – 1494/95), um dos principais colaboradores de Gutenberg, levava a arte da impressão para Basileia. Poucos anos depois foi seguido por Johannes Ammerbach (c. 1440 – 1513) da Francônia, que se dedicou a preparar edições completas dos quatro grandes pais latinos: Ambrósio, Agostinho, Jerônimo e Gregório Magno. Amerbach firmou sociedade com Froben e em 1506 já finalizaram as edições de Ambrósio e Agostinho e então passaram a se dedicar à edição de Jerônimo, trabalho deveras desafiador uma vez que este, que fora trilingue, utilizava frequentemente o grego e o hebraico. Mas em 1510 eles receberam estupendo reforço. Devido a ameaça militar comandada pelo papa Júlio II contra Veneza, Manutius tivera que fechar sua oficina tipográfica e pelo menos um de seus colaboradores, o frade dominicano Johannes Cuno (1463 – 1513), se refugiara na Basileia. Ali Cuno passou a ensinar grego e a colaborar na edição de Jerônimo. É bem

possível que Cuno trouxera consigo os tipos da impressão que Manutius fizera da *Adagia* em Veneza pois a reimpressão de Froben manteve a mesma paginação, mesmos tipos e mesma disposição dos tipos. Apenas a capa com o título e nome do autor foi mudada, com o acréscimo da seguinte expressão: *Erasmi Roterdami Germaniae Decoris* (Erasmus de Roterdã, ornamento da Alemanha).

Em uma de suas cartas Erasmo vai relatar como foi seu encontro com Froben. Típico de seu bom humor, e talvez querendo pregar uma peça em Froben uma vez que a reimpressão da *Adagia* fora feita sem sua autorização,<sup>8</sup> ele não revelou sua identidade e apresentou a Froben cartas de Erasmo lhe autorizando a negociar a publicação das obras do roterdamês, explicitando claramente que o que ele decidisse seria final. Diante da reação estupefata de Froben, Erasmo prosseguiu dizendo que não apenas era bastante íntimo do roterdamês como também se parecia muito com ele, de forma que quem olhasse para ele veria o próprio Erasmo. Ao se dar conta da brincadeira, Froben teria solto estrondosa gargalhada.<sup>9</sup> Longe de provocar rugas entre eles, o encontro deu início a uma longa amizade que elevaria a cidade a importante centro gráfico da Europa. Erasmo logo percebeu as qualidades de Froben e de sua equipe e quão bem montada era sua oficina e, ciente da privilegiada localização de Basileia, no joelho do Reno, como se dizia, bem como do fabuloso acervo existente no mosteiro dos dominicanos, fruto do concílio ali realizado de 1431 a 1437, vislumbrou enorme oportunidade para a pesquisa e difusão de suas obras. Com isso em mente retornou para seus afazeres na Inglaterra.

## O *Novum Instrumentum*

A notícia da morte de Manutius no início de 1515, porém, apresentou a Froben e sua equipe oportunidade única para dominarem o mercado gráfico e eles rapidamente montaram uma programação editorial para tanto. E Erasmo, já autor renomado em toda a Europa, era figura central nesse projeto. Assim é que Froben vai até Cambridge em abril de 1515, com a proposta de hospedar Erasmo em Basileia para a finalização de seu trabalho,

<sup>8</sup> Wesseling afirma que Froben pirateou essa reimpressão da *Adagia* possivelmente instigado pelo Beato Renano (1485 – 1547). Cf. WESSELING, Ari. (Ed.). *Erasmi Opera Omnia, II.8: Adagiorum chiliarum IV, Centuria VI-X; chiliarum V, Centuria I-II [Adagia 3501-4151]*. Amsterdam and New York: Elsevier, 1997. 378 p. Conferir a nota 9 da Introdução.

<sup>9</sup> Erasmo relata esse encontro numa carta de 21/09/1514 ao teólogo e amigo Jakob Wimpfeling (1450 – 1528). Cf. Epístola 305 in MYNORS, R. A. B. e THOMSON, D. F. S. (Eds). *Collected Works of Erasmus. The Correspondence of Erasmus: Letters 298-445 (1514-1516)*. Toronto: University of Toronto Press, 1976.

oferecendo-lhe os préstimos de Johannes Oecolampadius (1482 – 1531) como assistente editorial e consultor em hebraico. Não foi difícil resistir ao apelo de Froben pois Erasmo nunca escondera que considerava um tormento residir em Cambridge. Então, em julho de 1515 Erasmo se desloca para a Basileia, onde empresta sete manuscritos da biblioteca dos dominicanos para confrontar com o material que já possuía. Infelizmente, o único manuscrito que ele conseguiu do livro de Apocalipse não continha os últimos seis versos. Desesperado para finalizar sua obra e publicar na frente da Academia Bíblica Complutense, Erasmo optou por traduzir da Vulgata para o grego os mencionados versos. Por azar, ele utilizou um texto corrompido da Vulgata que continha uma variação em Apocalipse 22:14. Em vez de “árvore da vida” (*ligna vitae*) trazia “livro da vida” (*libro vitae*). Por descuido ou por desconhecer o significado universalmente utilizado, “árvore da vida”, Erasmo manteve “livro da vida”. Da mesma forma, ele cometeu diversas imprecisões, por exemplo em Apocalipse 17:4, criando uma palavra inexistente em grego, *akathartetos*, ou em Apocalipse 17:8 e em Atos 9:6, utilizando tempos verbais da Vulgata.

Erasmo alocou o texto grego, enriquecido com manuscritos mais antigos do século doze que foram confrontados com os mais recentes do século quinze, e sua tradução latina em duas colunas, o texto grego do lado esquerdo e o texto latino do lado direito. Em seguida alocou suas anotações explicando o motivo das opções tomadas, tanto a favor como contra a Vulgata. Seus comentários em muito remetiam aos pais, particularmente Jerônimo, por quem nutria grande admiração. A impressão começou em 2 de outubro de 1515 e já em primeiro de março do ano seguinte estava concluída, mas não sem centenas de erros tipográficos a ponto de ser chamada sutilmente por seus detratores como o livro mais cheio de erros que já existiu. O título, deveras curioso, era “O Novo Instrumento completo revisto e corrigido diligentemente por Erasmo de Roterdã não apenas de acordo com o original grego como também com o testemunho de muitos manuscritos antigos e corretos em ambas as línguas, e por fim de acordo com o texto conforme citado, corrigido e comentado pelos melhores autores, especialmente Orígenes, Crisóstomo, Cirilo, Vulgário, Jerônimo, Cipriano, Ambrósio, Hilário, Agostinho, complementado por anotações informando ao leitor quais passagens foram alteradas e por quais razões”.<sup>10</sup>

<sup>10</sup> *Novum Instrumentum omne, diligenter ab Erasmo Rot. Recognitum et Emendatum, non solum ad Graecam veritatem verum etiam ad multorum utiusq; linguae codicum eorumq; veterum simul et emendatorum fidem,*

O título é curioso por dois motivos. Primeiro, a utilização do termo “Instrumentum” no lugar do mais corriqueiro “Testamentum”. Qual a intenção de Erasmo? Talvez tenha sido de pronto chacoalhar o imaginário do leitor, indicando que o próprio termo “Testamento” era fruto da tradição e não constava nas fontes mesmas. De fato, nas Escrituras Hebraicas o vocábulo *berith* é utilizado como pacto, aliança, tratado, contrato, possuindo uma base legal, em que as partes possuem direitos e deveres. O exemplo mais comum era o contrato matrimonial e na mesma direção a relação de Deus com seu povo. Na Septuaginta o termo utilizado para verter *berith* enquanto pacto de Deus com seu povo fora *diatheke* e não o aparentemente mais apropriado *suntheke*, isso porque os Setenta, escrevendo em outro tempo teológico, entenderam que a relação de Deus com seu povo não poderia ser a de um pacto (*berith*) impossível de ser cumprido por uma das partes, o povo, mas de uma concessão unilateral da parte divina. Embora *diatheke* também significasse um instrumento jurídico entre partes, a principal diferença é que enquanto uma parte era plena de poderes, à outra caberia apenas aceitar ou rejeitar, nunca alterar. Portanto, *diatheke* não indicava uma concordância mútua ou um pacto negociado.

O exemplo maior era um testamento. Embora seja verdade que os primeiros escritores cristãos tenham utilizado a Septuaginta e portanto poderia ser argumentado que teriam sido induzidos ao erro pelos Setenta e assim mantido *diatheke* para se referir à relação de Deus com seu povo, é evidente que estavam plenamente cientes de que tal relação realmente não era um pacto (*berith*) mas um testamento (*diatheke*). Há uma diferença qualitativa entre as duas relações, a de Deus com Israel e a de Deus com os cristãos. Naquela, esperava-se que os judeus cumprissem a exigência à eles estabelecida no pacto, o que nunca conseguiram; nesta, não havia exigência alguma, cabendo apenas aceitação ou rejeição. Na ótica cristã não há um contrato com Deus mas a apropriação de uma dádiva concedida por Deus. Daí Jerônimo ter utilizado *foedus* ou *pactum* para *berith*, mas *testamentum* para *diatheke*, e não o mais amplo *instrumentum* como entendera Tertuliano, Rufino e Agostinho.<sup>11</sup>

---

*postremo ad probatissimorum autorum citationem, emendationem et interpretationem, praecipue, Origenis, Chrysostomi, Cyrilli, Vulgarij, Hieronymi, Cypriani, Ambrosij, hiliary, Augustini, una cum annotatines, quae lectorem doceant, quid qua ratione mutatum sit.*

<sup>11</sup> Para Tertuliano cf. *Adv. Marc.* iv. 1; para Rufino cf. *Expos. Symb. Apostol.* e para Agostinho cf. *De Civ. Dei*, xx. 4. Agostinho utilizou ambos, *instrumentum* e *testamentum*. Jonge notou que Erasmo justificou o uso da palavra *Instrumentum* pois esta implicava obrigatoriamente uma decisão escrita. JONGE, Henk Jan de. “*Novum Testamentum a nobis versum: The Essence of Erasmus' Edition of the New Testament*”. *The Journal of*

A confusão, na verdade, vem de outro momento. Após os textos cristãos terem alcançado ampla circulação e terem sido compilados, foram juntados às Escrituras Hebraicas e, uma vez que eram mais recentes, foram ordenados em seguida àquelas. Em vez de serem intitulados de forma a indicar apenas a diferença qualitativa entre os dois conjuntos, receberam uma denominação que, para indicar também a temporalidade, sacrificou a diferença qualitativa. De fato, *suntheke* [berith] e *diatheke* ou *pactum* e *testamentum* seria suficiente e mais preciso do que *vetus testamentum* [palavra diatheke] e *novum testamentum* [kaine diatheke]. Embora *kaine* (novo) também indique qualidade e não apenas temporalidade, escondeu que há um só pacto (feito entre Deus e Israel) e um só testamento (concedido por Deus aos cristãos), e não dois testamentos, um primeiro (para Israel) e um mais novo (para os cristãos). Porém, devido às muitas críticas recebidas, já na segunda edição Erasmo retornou ao mais comum “Novo Testamento”.

Curioso também é que Erasmo anuncie que seu trabalho fora rever e corrigir o Novo Testamento de acordo com o original grego. Então ele só poderia estar falando de uma correção do texto latino da Vulgata, uma vez que a única versão impressa e em circulação do Novo Testamento era aquela de Jerônimo. É interessante porque a obra vai ficar conhecida em muitos quadrantes como “o Novo Testamento grego de Erasmo”. Nada mais falso. O que Erasmo queria de fato era rever e corrigir a Vulgata, e não editar um Novo Testamento grego. Era esse seu desejo e por isso contatara Badius Ascensius em Paris alguns anos antes. Mas devido ao fato dos seguidores da Reforma Protestante, em sua maioria, repudiarem o latim enquanto língua bíblica, o texto grego é que ficou em evidência e se tornou base para a tradução do Novo Testamento para outros idiomas. Uma pena pois eclipsou a grande coragem de Erasmo em ousar questionar a tradução de Jerônimo que, como foi visto acima, era tida por muitos como superior ao próprio texto grego. Não é exagerado dizer que os comentários de Erasmo lançaram uma nova luz sobre a percepção existente de cristianismo, favorecendo os ventos que pediam uma reforma na Igreja.<sup>12</sup>

---

*Theological Studies* NS, 35, 394 - 413 (1984), Clarendon Press, p. 396.

<sup>12</sup> Os críticos contemporâneos de Erasmo logo perceberam que seu esforço em produzir um texto latino diferente daquele da Vulgata comprometia a própria base da civilização católica. Um deles, Petrus Sutor (Pierre Cousturier, 1475 - 1537), formado em teologia na Universidade de Paris, escreveu em um livreto de 1525 intitulado *De translatione Bibliae et novarum reprobatione interpretationum* no qual insistiu com certo exagero que se a Vulgata estivesse em erro a Igreja sucumbiria; ademais, para ele, submeter a Vulgata à análise filológica, como queria Erasmo, na verdade implicava em destituí-la de seu caráter de Escritura. Cf. LEGASPI,



## O sucesso de Erasmo

Froben e Erasmo trabalharam arduamente em diferentes frentes para garantir o sucesso editorial do *Novum instrumentum*. Em adição à alta qualidade da impressão e do material utilizado eles montaram uma estratégia comercial que incluiu a obtenção de exclusividade junto ao papa Leão X para a publicação do Novo Testamento. Embora a observação da concessão de exclusividade não tenha aparecido na primeira edição ela certamente cumpriu duas funções. Primeiro, a garantia de exclusividade indicava o sucesso comercial pois durante quatro anos Froben e Erasmo teriam para si o mercado consumidor, empurrando a publicação da obra complutense para pelo menos 1520. A chancela papal também garantiria a recepção da obra pelo universo católico sem restrição alguma. Com ela, tanto leigos quanto religiosos e teólogos seriam incentivados a adquirir a obra. É difícil saber como Erasmo conseguiu essa bênção junto ao papa, mas certamente ele contou com a ajuda de seus amigos na Inglaterra. Entre eles, o que detinha maior influência sobre a cúria romana, com certeza, era Andrea Ammonio [Andrea Della Rena] (1477 – 1517). De 1511 a 1517 eles trocaram mais de quarenta cartas versando sobre inúmeros tópicos, desde a baixa qualidade do vinho inglês até as mais prementes questões internacionais.

Em 1515 Ammonio fora nomeado pelo papa Leão X coletor dos tributos papais na Inglaterra e portanto desfrutava de prestígio junto a corte papal. Daí não foi difícil conseguir junto ao papa não apenas a dispensa das penas impostas a Erasmo por sua ordem monástica por não vestir o hábito como também a superação das restrições oriundas de seu nascimento fruto de um casamento ilegítimo. Diante disso é bastante plausível que Ammonio tenha desempenhado papel fundamental no caso da exclusividade da publicação do Novo Testamento.

---

Michael C. *The Death of Scripture and the Rise of Biblical Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 14. Cf. tb. JENKINS, Allan K. e PRESTON, Patrick. *Biblical Scholarship and the Church: A Sixteenth-century Crisis of Authority*. Aldershot, Hampshire: Ashgate Publishing, 2007, p. 76-77. Que o método filológico de Erasmo estremecia os fundamentos da fé católica é facilmente comprovável, como no caso do anti-trinitário Szymon Budny (c. 1530 - 1593), um dos líderes dos Irmãos Polacos (*Bracia Polscy*), que ao aplicar o ensino de Erasmo ao prólogo do Evangelho de João concluiu pela não pré existência de Cristo conforme estabelecida no Concílio de Nicéia em 325 e no Concílio de Calcedônia em 451. Cf. COOGAN, Robert. *Erasmus, Lee and the Correction of the Vulgate: The Shaking of the Foundations*. Travaux d'Humanisme et Renaissance 261. Geneva, Switzerland: Librairie Droz, 1992, p. 94-95; também, e especialmente, o capítulo 5 intitulado “The Biblical Philology of Szymon Budny (1572-1589)” em FRICK, David A. *Polish Sacred Philology in the Reformation and the Counter-Reformation. Chapters in the History of the Controversies (1551 – 1632)*. Berkeley: University of California Press, 1989.

Como gratidão, mas também como estratégia, Erasmo dedicou a obra ao papa Leão X, seguindo o exemplo de Manutius que em 1513 dedicara uma edição de Platão ao papa. Ao passo que em um eloquente prefácio Manutius denunciou os males da guerra liderada pelo papa Júlio II que assolava Veneza e impedira o trabalho de Manutius retardando assim por anos a publicação de valiosas obras literárias, Erasmo em sua dedicação reconhece em Leão X mais do que um benfeitor e patrono da erudição, um novo Esdras, que após a guerra se dedica a reconstrução, um novo Salomão que se dispõe a construir um templo para Deus. Não tendo mármore para enviar ao Sumo Pontífice, Erasmo dedica-lhe o *Novum instrumentum* para a restauração da Igreja. Tal dedicatória certamente auxiliou no sucesso editorial da obra. Em pouco tempo as muitas encomendas deram sinal que a edição logo se esgotaria. Ao perceber que acertara na veia, e também tendo em vista os inúmeros erros contidos na edição inicial e a crítica que chegava sem cessar, Erasmo rapidamente se dedicou a preparar uma nova edição do *Novum instrumentum*, meio em segredo para não prejudicar as vendas da primeira edição.

A segunda edição, publicada em 1519, trouxe no título o mais familiar *testamentum* no lugar de *instrumentum*, e também a aprovação papal, que não acompanhara a edição inicial. Ademais, respondendo às críticas recebidas até então, Erasmo praticamente duplicou suas Anotações e adicionou uma nova parte intitulada *Capita argumentorum contra morosos quosdam de indoctos* (Argumentos sumários contra certas pessoas contenciosas e ignorantes). Foram corrigidas centenas de erros de impressão e o texto grego foi modificado em alguns lugares. O texto latino foi sobremaneira melhorado. Essa edição foi utilizada por Martinho Lutero para sua tradução do Novo Testamento para o alemão publicada em setembro de 1522.

A terceira edição serviu de base para William Tyndale (c. 1494 – 1536) para aquela que foi a primeira tradução do Novo Testamento para o inglês em 1526. Serviu de base também para o Novo Testamento da Bíblia de Genebra (1557) e para os tradutores da versão do Rei Tiago (King James Version). Na quarta edição de 1527 Erasmo corrigiu o livro de Apocalipse à luz do texto complutense. A quinta edição publicada em 1535, um ano antes da morte de Erasmo, praticamente não trouxe novidade.

Após a morte do roterdamês em meados de 1536 seu texto foi reimpresso várias vezes em diversos lugares por diferentes pessoas. As edições mais importantes foram

realizadas na oficina de Bonaventura Elzevir (1583 – 1652) e de seu sobrinho e sócio Abraão Elzevir (1592 – 1652) entre 1624 e 1678, totalizando sete edições. Foram eles, considerados na época os maiores publicadores do mundo, que utilizaram em sua introdução na segunda edição (1633) a expressão *Textus Receptus* para indicar que aquele era o Texto Recebido sem adição alguma.

## Conclusão

Erasmus percebera que a única maneira de reformar a cristandade seria corrigindo o texto sobre o qual ela fora erigida e pelo qual se guiava e assim ensinava que a vida cristã dependia das Escrituras e não dos rituais e do sacerdócio da Igreja. Em sua dedicatória ao papa Leão X, após elogiar os esforços do papa em reconstruir a Igreja, mas que foi visto por seus críticos como uma repreensão à construção da Basílica de São Pedro, Erasmo deixa claro que sua principal esperança pela restauração e reconstrução da religião cristã (*restituendae sarciendaeque Christianae religionis*) repousava na restauração das Escrituras pois, como ele ensinava, era através delas que a Palavra (*verbum*) celestial que nos veio do coração do Pai ainda vive e sopra por nós e age e fala com maior eficácia imediata do que de qualquer outra maneira. Daí a necessidade de buscar as Escrituras na pureza de sua fonte e vertê-las apropriadamente para o latim para que pudessem ser lidas e devidamente ensinadas, instrução que é a nossa salvação, como ele acreditava. Não se sabe qual foi a reação de Leão X, mas não passou despercebido nem aos seus críticos nem a seus admiradores que ao defender as Escrituras através das quais o Verbo age e fala com maior eficácia imediata do que de qualquer outra maneira, Erasmo estava colocando em risco o sacerdócio e os sacramentos da Igreja.

Portanto, muito antes de Lutero surgir no cenário das controvérsias, Erasmo já havia declarado a centralidade das Escrituras para a vida cristã e a necessidade de reformar, ou em suas palavras, restaurar, a Igreja e para tanto compilara e editara os textos gregos do Novo Testamento e os traduzira para o latim, em substituição ao texto da Vulgata, tornando-se assim *Hieronymus redivivus*. Porém, diante das turbulências desencadeadas por Lutero e seus seguidores, esse novo Jerônimo teria vida curta. Poucas décadas depois o Concílio de Trento condenaria todas as traduções latinas exceto a Vulgata e assim o que permanecerá do esforço de Erasmo será a edição grega, que serviria como base das traduções protestantes ficando conhecida como *Textus Receptus*.